

“Matérias-primas florestais para a indústria transformadora. Pinho, carvalho e eucalipto – exigências de qualidade, tecnologia e aplicações”

A floresta foi a base das civilizações, pois foi a fonte de abastecimento dos produtos essenciais à sobrevivência e ao conforto da sociedade (alimentos, abrigo, energia). Ao longo da história e do desenvolvimento das sociedades, também o modelo de floresta foi evoluindo, destacando-se três principais fases: floresta de 1ª geração; floresta de 2ª geração; e floresta de 3ª geração).

A floresta de primeira geração é a floresta natural, seja aquela que apareceu sem intervenção humana, apenas condicionada pelas leis da evolução, tendo assim dado origem a toda a diversidade de espécies por influência e adaptação às condições edafoclimáticas locais.

A floresta de segunda geração é a floresta plantada com fins ambientais ou de proteção, em que no momento da plantação não havia uma pressão imediata para aproveitamento dos materiais de origem florestal, pelo que os investimentos não são vistos de uma perspectiva puramente económica.

A floresta de terceira geração é a floresta industrial, planeada para cortes em datas bem determinadas com custos controlados, tendo de ser sustentável financeiramente a relativamente curto prazo.

Em Portugal, da floresta natural pouco mais resta de que uma lembrança longínqua, ornamentada por pequenos bosques, classificados legalmente como áreas protegidas ou reservas naturais. Destas áreas não se obtém praticamente nenhuma matéria-prima com fins industriais.

A Floresta de 2ª geração teve em Portugal uma expressão muito relevante na primeira metade do século XX, em que se fizeram plantações maciças de pinheiro bravo. Os sectores industriais que mais beneficiaram da floresta de 2ª geração foram a indústria da embalagem e madeira de construção, mas que evoluiu com sucesso para bons nichos de oportunidade, em produtos de maior valor acrescentado como madeira de carpintaria, estruturas e ainda mobiliário de qualidade.

Na segunda metade do século XX teve grande importância em Portugal a floresta de 3ª geração, a floresta industrial, quase exclusivamente com plantações de eucalipto comum, servindo um sector industrial bem determinado, a indústria de pasta para papel.

No momento presente, início do século XXI, o que restou da floresta de 2ª geração está quase esgotado ou degradado, os pinhais foram dizimados pelos fogos e não houve reposição para fins industriais. Também as florestas industriais da terceira geração, nomeadamente os povoamentos de eucalipto, começam a sentir uma ameaça que vem da concorrência das regiões tropicais de grande produtividade, que fizeram esmagar os preços na produção, tendo como consequência uma contenção de custos que levou a uma diminuição da vigilância e da limpeza desta floresta, que por sua vez trouxe a ameaça, até então desconhecida entre nós, dos fogos em floresta de eucalipto.

Neste panorama, chegou-se a uma situação em que as indústrias têm mercados para os seus produtos, há tecnologia nacional a nível conhecimento e de equipamentos, há normas e regulamentos de cálculo e de classificação da qualidade, mas começa a escassear a matéria-prima

de qualidade. Não há madeira de pinheiro suficiente em qualidade e preço competitivos, assim como de eucalipto. Os carvalhos que ainda sobrevivem, muito embora com excelentes potencialidades e boa adaptação ao nosso clima, não conseguem concorrer com produtos importados, vendo-se destinados a madeira de queima para aquecimento, vendida toda ao mesmo preço independentemente da qualidade.

Para termos uma floresta produtiva e indústrias florestais em 2050 Portugal precisa de definir urgentemente o seu modelo de floresta industrial diversificada, e iniciar a sua reflorestação de imediato.